

Ritos funerários egípcios e as máscaras do Fayum: das profundezas da terra para a vida eterna

Egyptian funeral rites and the Fayum masks: from the depths of Earth to eternal life

Maura Regina Petruski*

Resumo: As tradições funerárias do antigo Egito são intrinsecamente ligadas à crença na vida após a morte e à preservação do corpo para a jornada para o além. Ao longo de milênios, os egípcios desenvolveram elaborados rituais funerários e práticas para honrar os falecidos e assegurar uma transição bem-sucedida para a vida após a morte. Um dos aspectos mais notáveis desses ritos é a arte funerária, que inclui as misteriosas e fascinantes máscaras do Fayum. Estas, descobertas na região do Fayum, revelam uma prática singular de preservação e devoção aos mortos, destacando-se como expressões artísticas e testemunhos culturais únicos que transcendem o tempo. O presente artigo tem como objetivo apresentar uma análise sobre esses retratos funerários egípcios e seu contexto de produção. Acreditamos que as máscaras de Fayum revelam as complexidades dos ritos funerários egípcios e representam um importante artefato no mundo do Além. Do ponto de vista dos falecidos, as peças eram pensadas e projetadas na perspectiva de um futuro, abrindo caminho de maneira mais rápida para a outra vida, como uma espécie de passaporte para identificar a alma do indivíduo no trajeto de sua última e mais importante viagem.

Abstract: The funerary traditions of ancient Egypt are intrinsically linked to the belief in an afterlife and the preservation of the body for the journey beyond. Over millennia, the Egyptians developed elaborate funeral rituals and practices to honor the deceased and ensure a successful transition to the afterlife. One of the most notable aspects of these rites is funerary art, which includes the mysterious and fascinating Fayum masks. Discovered in the Fayum region, these masks reveal a unique practice of preservation and devotion to the dead, standing out as artistic expressions and cultural testimonies that transcend time. This article aims to present an analysis of these Egyptian funerary portraits and their production context. We believe that the Fayum masks unveil the complexities of Egyptian funerary rites and represent a significant artifact in the realm of the afterlife. From the perspective of the deceased, these pieces were conceived and designed with an eye toward the future, facilitating a swift journey to the other life—akin to a passport identifying the soul of the individual on the path of their ultimate and most important voyage.

Palavras-chave:

Egito.
Ritos funerários.
Arte mortuária.
Máscaras do Fayum.

Keywords:

Egypt.
Funeral Rites.
Mortuary Art.
Fayum Masks.

Recebido em: 01/08/2023
Aprovado em: 02/10/2023

* Professora do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Integrante do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da mesma instituição. Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná.

No território que abarcou o Egito antigo, desenvolveu-se uma sociedade que ao longo do tempo foi amplamente estudada, tornando-se campo de observação para diversas disciplinas científicas que buscaram, cada vez mais, conhecer o que aconteceu na terra das pirâmides, partindo de diferentes objetivos e interesses.

Dentre as distintas análises construídas, temos as que se desenvolveram seguindo o campo da ficção (OLIVEIRA 2014; SOUZA NETO, 2019), outras delas centraram-se na visão dos conquistadores, que interpretaram essa sociedade pautando-se por referenciais de seu local de origem (SILIOTTI 2007; EGGERS 2016), como também encontramos as releituras de narrativas que por muito tempo foram tidas como definitivas, mas que puderam ser revistas a partir do descobrimento de novos vestígios arqueológicos (GRALHA, 2005; FUNARI, 2006).

Mesmo que possamos estar diante de uma grande quantidade de abordagens interpretativas que analisaram essa sociedade ao longo de sua existência, é possível afirmar que seu estudo não se esgotou, haja vista que continua sendo ponto de interesse de pesquisadores não somente brasileiros, mas de estudiosos de diversos países, fazendo com que a expressão “faraônica”, que é aplicada popularmente ao que se refere a coisas grandiosas lhe faça jus.

Embora as investigações tenham avançado e diversificado nos últimos anos, acredita-se que ainda temos muitos elementos que podem ser explorados, dentre eles estão os relacionados aos retratos funerários egípcios, pinturas feitas em finas lâminas de madeira produzidas para serem colocadas sob a face dos corpos mumificados. Um aspecto a salientar relacionado a esses objetos é sua singularidade, a qual está centrada em questões simbólicas específicas muitas vezes não conhecidas por observadores. Assim, por conta da representação que guardam, é que sentimos a necessidade de olhar com mais atenção para essas pinturas, apontando traços e marcas de um período específico da história do Egito antigo que possibilita ser recontado por intermédio dos retratos funerários ao longo dos quatrocentos anos de sua produção que se estenderam entre o século I a.C. e o IV d.C.

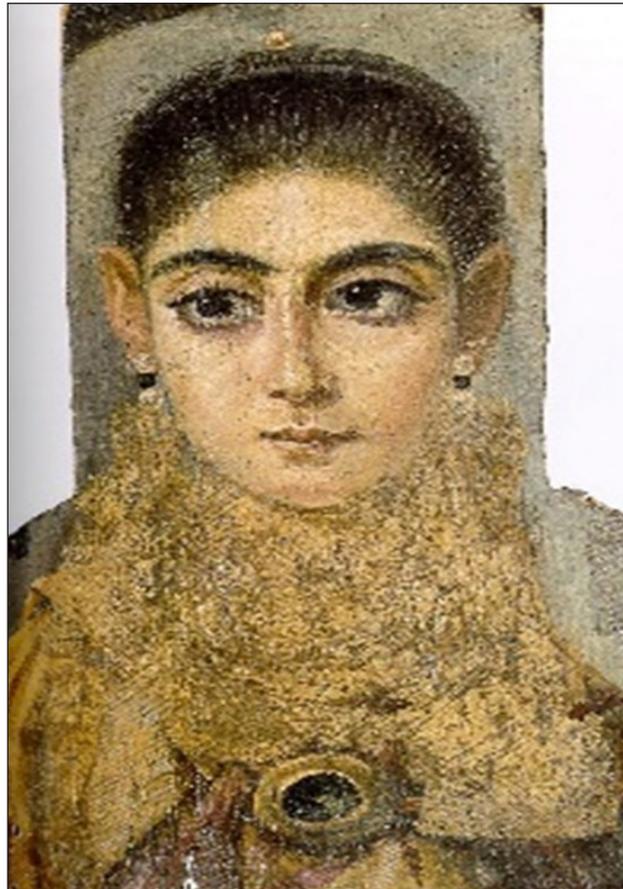
Todavia, dada a grande quantidade de imagens que foram produzidas e a impossibilidade de analisá-las em sua totalidade, para o presente estudo selecionou-se as que integram o catálogo de divulgação de uma exposição realizada no Museu Arqueológico Nacional de Madri, intitulada “Retratos de Fayum + Adrian Paci: sin futuro visible”,¹ aberta ao público no período de 1 de junho a 24 de julho de 2011.

Ao todo, foram onze as ilustrações utilizadas na confecção do catálogo para divulgar a exposição (dez femininas e uma masculina), entretanto, como forma de familiarização

¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1TSNUofUp0ot>>.

com esse estilo artístico egípcio, serão apresentadas abaixo duas figuras que se inserem no modelo representativo ora analisado, sendo essa a maneira mais rápida encontrada de fazer com que o leitor entre em contato visual com exemplos dos objetos sobre os quais o presente artigo está tratando (Figuras 1).²

Figura 1 - Retrato de mulher, encáustica sob madeira



Fonte: Caravaca Guerrero (2021, p. 32).

As telas que compuseram a exposição mencionada não fazem parte do acervo do referido museu, pois foram obtidas sob a forma de empréstimo, sendo dez do The British Museum de Londres e uma do Museu de Arte de Barcelona.

No que diz respeito à prática de divulgação por intermédio de catálogos, destaca-se a relevância desse suporte como possibilitador de preservação de informações, visto que, mesmo após o encerramento do evento, não se transforma meramente num papel sem função, muito pelo contrário, pois permite que uma história possa ser revisitada e permaneça viva na memória daqueles que a sucederam.

² Para visualizar outros retratos, acessar: <<https://www.flickr.com/groups/1117481@N24/>>.

Quanto à datação das peças que fizeram parte da exposição de Paci, pode-se dizer que não foram confeccionadas num mesmo período, porém, o que elas têm em comum é o local de procedência, ou seja, o território egípcio do Fayum.

Como forma de esclarecimento, explicita-se que o foco de atenção direcionado a esses artefatos da cultura egípcia não foi algo que ocorreu entre pesquisadores e estudiosos numa temporalidade recente, embora esse modelo de pintura egípcia ganhasse proporções de amplitude mundial a partir do ano de 1880, quando o francês William Petrie divulgou que havia encontrado vários exemplares desses acessórios no interior de monumentos ao escavar a região do Fayum. Ademais, foi dessa localidade que saiu a maior fração dos objetos que abarcam o conjunto do que estudiosos das artes classificam como as pinturas de cavalete mais antigas da história (CARAVACA GUERRERO, 2001, p. 32).

Há que se mencionar, também, que as escavações realizadas em solo egípcio atestam que esses utensílios não estiveram presentes somente nos limites da área do Fayum, pois foram encontrados em outras partes do território, embora todos estivessem ligados ao ambiente funerário.

Atualmente, o acesso mais amplo à visualização das imagens dos retratos funerários egípcios ocorre por intermédio de suportes de mídia impressa e também virtual, mas principalmente via catálogos. Assim sendo, pode-se dizer que esses instrumentos de divulgação corroboram para que uma linguagem de comunicação alternativa seja gerada para o leitor, pois nem todas as pessoas têm a possibilidade de visitar os locais onde as peças originais estão salvas e, obviamente, essa forma de disseminação visual permite alcançar maior número de pessoas que possuem os mais variados interesses.

Dessa maneira, destacam-se a importância e o crescimento do potencial da tecnologia digital como contributo de uma modalidade de linha de acesso e difusão mais dinâmica de informação, gestando acessibilidades inseridas dentro de novos paradigmas que remodelaram a informação na contemporaneidade, o que, dentre outras coisas, libertou muitos estudiosos da necessidade de deslocamento em busca da coleta de materiais de estudo para sua pesquisa, visto que tornou possível que caminhos mais rápidos pudessem ser alcançados.

Foi por intermédio desse canal de disponibilização de informação que a presente análise foi desenvolvida, a qual se propôs a promover uma reflexão das imagens selecionadas para o catálogo da exposição – peças que primeiramente foram projetadas para permanecerem no cenário mortuário, mas que tiveram uma proposta de comunicação que contribuiu (e ainda contribui) sobremaneira para se entender como os egípcios construíram esse segmento de seu substrato cultural relacionado com a vida além-túmulo.

Em relação à perspectiva da imagem como categoria de análise, Paulo Henrique Pagliarelli dos Reis (2019, p. 27) menciona que “[...] apesar dos historiadores deixarem muitas vezes as fontes visuais à margem da própria História, elementos da vida e de processos sociais são evidenciados em diferentes campos do registro visual”. Dessa forma, conforme afirma Meneses (2012, p. 14), as fontes visuais carregam uma historicidade e suas pesquisas abrangem diversos aspectos. Ainda segundo Reis (2019, p. 28), recentemente, observamos estudos que visam a compreender a materialidade das representações visuais, pois a imagem não é algo isolado da sociedade, ela interage com os indivíduos e evidencia determinadas práticas em relação ao material. Tal como afirma Meneses (2012, p. 14), devemos “[...] incluir a materialidade das representações visuais no horizonte dessas preocupações e entender as imagens como coisas que participam das relações sociais e, mais que isso, como práticas materiais”. Dessa forma, a imagem não se resume meramente em “produzir História”, mas também em compreender a sua própria historicidade.

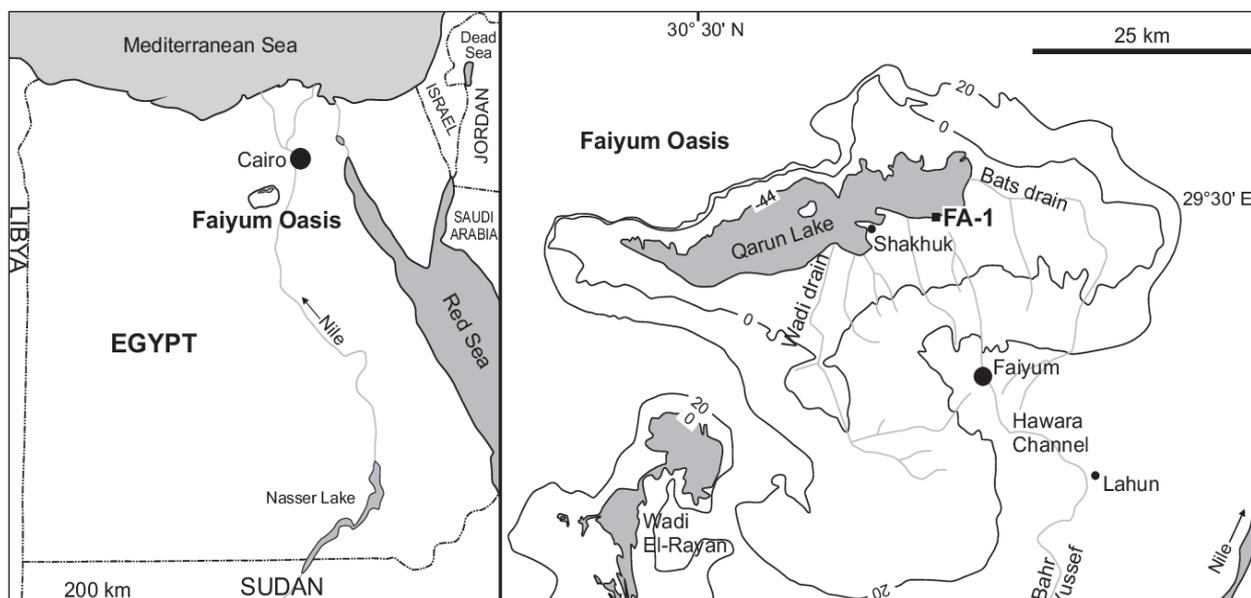
A partir da preocupação apontada acima, defende-se a ideia de que os retratos não devem ser vistos unicamente como artefatos aleatórios, nem somente como um segmento dentro do conjunto da produção artística egípcia, mas, sim, como materializações carregadas de intencionalidade que nem sempre são compreendidas quando deslocadas da conjuntura cultural para a qual foram produzidas.

Antes de adentrarmos na análise específica do objeto de estudo, no entanto, se contextualizará, mesmo que de forma simplificada, o local de procedência da grande maioria das peças que se enquadram no conjunto de obras que ficaram conhecidas historicamente como Retratos do Fayum. Acredita-se fazer necessário apresentar elementos da região do Fayum, uma vez que, como foi dito, esta é a área de maior concentração geográfica que deixou uma marca na história da sociedade egípcia ligada ao nascimento de uma crença que permitiu que a imagem de homens, mulheres e crianças, que viveram na terra dos faraós, se perpetuasse pela crença na vida após a morte.

Achadas no Fayum e ganhando o mundo

Geograficamente, o Fayum situa-se na parte do Médio Egito a uma distância de 100 km ao sudoeste da cidade do Cairo. A região está separada do Rio Nilo por uma faixa de 25 km de deserto e uma cadeia de colinas que chegam ao sul desde a planície de Gizé (Figura 2). Essas terras se estendem de forma aproximadamente triangular na depressão de uns 12.000 km², ocupando aproximadamente 1.700 km² do território egípcio na Antiguidade.

Figura 2 - Mapa com a localização do Fayum



Fonte: Szymanek (2017, p. 40).

A designação do nome "Fayum" vem da derivação da língua copta *Pa-youm*, que quer dizer "o mar" ou "o lago", relacionando-o a uma área de depressão que, ao longo do tempo, foi alimentada por um afluente do Nilo chamado Bahr Yussuf, que desagua no Lago Birket Quarum (VASQUES, 2015, p. 26). Embora o Fayum tivesse sido indicado por muitos estudiosos, no passado, como integrante da lista dos oásis egípcios, não o foi, em função de que tinha sua alimentação fluida basicamente pelo rio Bahr Yussuf, contrariamente aos demais oásis egípcios, que se mantiveram a partir do aquífero da Núbia.

Quanto às condições climáticas da referida localidade, prevaleceram a tendência à seca e a pouca densidade de chuva, características fundamentais que contribuíram para a preservação dos retratos, livrando-os da destruição que, muitas vezes, o clima impõe a materiais frágeis e sensíveis como esses artefatos.

Os registros arqueológicos revelam que a ocupação do território remonta ao V milênio a.C., embora o impulso desenvolvimentista que lhe deu força e visibilidade ocorreu durante o Reino Médio, na vigência da XII dinastia (1991-1803 a.C.), chegando ao ponto de os soberanos mudarem a residência real de Tebas, criando uma capital próxima à atual Lisht (MOELLER, 2016, p. 249). María Teresa Soria-Trastoy (2020, p. 35) argumenta que essa alteração, ocorrida no âmbito administrativo e territorial, está intimamente ligada à administração da água do Nilo. Talvez seja uma tentativa de prevenir situações de escassez resultantes de inundações insuficientes devido a secas em períodos anteriores. Isso seria feito por meio da construção de uma represa no Bahr Yusuf para regular o fluxo de água na depressão. Após a construção de um sistema de canalização de água, a tecnologia

empregada contribuiu para operacionalizar a constância do fluxo, proporcionando a ampliação da área de cultivo e trazendo prosperidade para a região.

Apesar da intervenção dos faraós dessa dinastia, os quais também foram os responsáveis pela construção de pirâmides e templos mortuários como os localizados em Lahun, Hawara, Shedet, Biahmu e Dja, pode-se dizer que o avanço da área não foi um processo contínuo, pois, nas administrações dos governantes das dinastias seguintes, os investimentos diminuíram proporcionalmente, fazendo com que várias aldeias nele estabelecidas fossem parcial ou totalmente abandonadas, recuperando-se somente anos mais tarde, quando o local se tornou uma vez mais o epicentro de referência, sobretudo durante a administração dos Ptolomeus (305 a.C.-30 a.C.) e, depois, dos romanos (30 a.C.-395 d.C.).

Integrantes dos governos ptolomaico e romano implementaram novos contornos à localidade, não apenas no que se refere a questões políticas, mas, também, a aspectos sociais e culturais, visto que se aproximaram do padrão grego de sociedade. Os membros dos governos ptolomaico e romano introduziram modificações significativas na região, não apenas em termos políticos, mas também em aspectos sociais e culturais. Márcia Severina Vasques (2015, p. 24) ressalta que a presença grega, no Egito, antes da dinastia ptolomaica foi mais sistematicamente registrada no século VII a.C. Durante esse período, testemunhamos a fundação da colônia jônia de Náucratis, localizada no Delta, e a chegada de mercenários gregos para integrar o exército do faraó Psamético I (XXVI dinastia, 664-610 a.C.). Com o estabelecimento do domínio greco-macedônico, observou-se uma considerável migração de gregos para o Egito, provenientes de diversas regiões do mundo grego, abrangendo Grécia continental, Macedônia, Trácia, ilhas do Egeu e cidades gregas da Ásia Menor. A maioria desses migrantes era composta por soldados que recebiam terras, denominadas clerúquias, em troca de serviços militares. Esses indivíduos se concentravam predominantemente na nova capital, Alexandria, assim como nas outras duas cidades localizadas em território egípcio, Naucrátis e Ptolomais, e na região do Fayum.

Importa salientar que as relações entre egípcios e gregos eram bem mais antigas que aquelas mencionadas por Vasques, podendo remontar à Idade do Bronze. Entretanto, de fato, elas se intensificaram ao longo do tempo, ganhando força sobretudo na gestão dos Ptolomeus. Segundo José Sales (2008, p. 24), esse período se caracterizou como um momento paradoxal na história do Egito antigo, uma vez que foi por meio de uma dinastia estrangeira em termos de tradições, língua, religião e cultura o Egito experimentou notável prosperidade econômica, significativo poder político-militar e uma intensa atividade intelectual e artística, consolidando-se definitivamente no cenário e na cultura mediterrânicos.

Apesar do intercâmbio e mescla de padrões culturais supracitados, grande parte dos costumes, crenças e tradições egípcias não foi anulada, continuou prevalente, principalmente os elementos culturais ligados à perspectiva do culto aos mortos e ao processo de enterramento. O que ocorreu foi um caminho inverso, ou seja, muitos dos que foram para o Egito e se fixaram na região do Fayum adotaram padrões dos nativos, sobretudo no que se refere ao pós-morte, fato que pode ser observado na utilização dos retratos funerários encontrados em locais de enterramento tanto ocupados pelos gregos quanto romanos, sendo sobre esses artefatos que trataremos a seguir.

As máscaras funerárias também falam

A vivência individual da morte ao longo do tempo revela diferentes realidades sócio-históricas, as quais, observadas externamente, podem tanto fascinar quanto incomodar. No caso egípcio, os dois indicativos – fascinar e incomodar – estão juntos, exatamente devido à forma pela qual muitos indivíduos construíram seu imaginário para permanecerem na eternidade isolados em sepulturas subterrâneas, tendo seus corpos envoltos em faixas de linho e amiúde portando em cima da face sua imagem retratada sobre lâminas de madeira de finíssima proporção, as quais eram extraídas de duas espécies que compunham a vegetação da região do Fayum, a figueira e o cômoró.

O fino padrão de espessura para a produção das referidas máscaras e a utilização da matéria-prima oriunda dessas árvores prevaleceu praticamente em todos os exemplares encontrados nesse estilo de arte egípcia, os quais seguiram uma linha de classificação dimensional numa perspectiva métrica que se enquadrava entre 12 e 25 cm de largura, por aproximadamente 2 mm de espessura. As metragens distintas para feitiço justificavam-se, provavelmente, devido à necessidade de compatibilidade com o formato do rosto da pessoa que a receberia. Cumpre ressaltar que o artefato deveria ficar o mais próximo possível do tamanho original, pois ele seria alocado sobre a face do morto, buscando-se uma perspectiva harmônica com o restante do corpo.

Como permaneceria acoplada sob a face do indivíduo, a fixação das máscaras ocorreria a partir de finas faixas de tecido presas cuidadosamente pelos cantos, podendo-se dizer que se aproximavam de uma espécie de moldura, embora respeitassem o tamanho natural do indivíduo. Alguns exemplares das telas fugiram do formato padrão quadrangular prevalente, recebendo um recorte mais oval na parte superior da madeira, onde ficaria o segmento do cabelo ou da testa. Todavia, é necessário salientar que, proporcionalmente, esse estilo de talhe foi numericamente inferior quando comparado às demais.

Independentemente do modelo do recorte escolhido para eternizar a imagem, as máscaras deveriam ser elaboradas com muito esmero devido ao elevado grau de importância que iriam adquirir no contexto final da vida dos indivíduos que fossem utilizá-las, acrescido ao fato de que estariam visíveis, sobressaindo-se do restante do corpo para que o seu usuário pudesse ser facilmente identificado. Era de praxe que toda a superfície da lâmina fosse pintada, mesmo a que iria permanecer coberta pelas faixas de fixação, perspectiva essa que não interferia na definição do rosto retratado, visto que ele ficaria posicionado num eixo de centralização.

Algo importante a se destacar a respeito das efígies retratadas é a relevância que a face humana ocupava no contexto social, não somente na sociedade egípcia, mas em todas as culturas, uma vez que é por meio dela que ocorre o reconhecimento dos indivíduos uns para com outros, concepção essa que não foi diferente entre os egípcios no tocante à morte. Os egípcios buscavam a identificação daqueles que estavam escondidos atrás das tiras de linho por intermédio do retrato, o qual serviria como garantidor do retorno da vida ao corpo.

Pautado nas evidências materiais, pode-se conjecturar que os primeiros exemplares começaram a ser confeccionados no período de maior migração no território egípcio, fase na qual os artesãos locais adaptaram novas técnicas de pintura, assemelhando-se aos traços e marcas greco-romanos.

A arte funerária egípcia tem chamado a atenção de arqueólogos, historiadores e de pessoas que atuam em outras áreas do conhecimento, posto que permitem desenvolver um diálogo que ultrapassa uma única área de estudo. Essa tipologia de produção artística, que tem como característica específica ser destinada à posteridade e ao repouso na escuridão dos túmulos, somente foi trazida à luz em 1615, pelas mãos do italiano Pietro della Valle, quando, numa das viagens de exploração arqueológica que organizou ao Egito, encontrou algumas peças em sítios do Fayum. A partir de então, um segmento singular de arte, as pinturas funerárias sobre múmias, foram reveladas ao mundo.

As máscaras do Fayum tiveram um destino contrário ao propósito do que se vê nas grandes produções egípcias, visto que não foram projetadas para serem visíveis ou apreciadas por observadores. Do ponto de vista dos falecidos, as peças eram pensadas e projetadas na perspectiva de um futuro, abrindo caminho de maneira mais rápida para a outra vida, como uma espécie de passaporte que serviria para identificar a alma do indivíduo no trajeto de sua última e mais importante viagem. Sua finalidade original foi interrompida, no entanto, a partir do momento em que começaram a ser encontradas abaixo da superfície, fazendo com que a invisibilidade cedesse lugar à visibilidade.

Atualmente, tais máscaras são delicadas e de alto valor patrimonial e, em sua grande maioria, fazem parte de acervos de museus dos vários continentes. Entretanto, é no Museu do Cairo que se concentra a maior quantidade de exemplares salvaguardados. A respeito dessas peças, Soria-Trastoy (2020, p. 35) afirma que muitas delas estão em excelente condição, mas outras, em menor número, deixam à mostra os danos sofridos, não apenas por meio das intempéries do tempo, mas, também, pela manipulação humana inadequada, em razão de que não foram encontradas por pessoas que provavelmente conheciam os cuidados necessários que os artefatos exigiam para não serem danificados, o que inclui colecionadores e antiquaristas.

Considerações finais

Para finalizar este artigo, podemos afirmar que as faces com dois mil anos de história promovem uma comunicação com um sistema de crenças dos egípcios, cujos traços foram construídos dentro da tradição ritualística religiosa funerária, tendo como função não permitir que o destino incerto na vida do Além se efetivasse, em razão de que a transição se daria com a intermediação desse item do equipamento funerário. Ademais, essas figuras se tornaram uma marca inconfundível na arte egípcia, evidenciando a grandeza dessa sociedade no que se refere à representação do mundo espiritual da vida após a morte.

Por meio dessas pequenas lâminas de madeira, nos é permitido visualizar que a magnitude da arte não está centrada somente no tamanho da produção e que, ao mesmo tempo, não está desconectada das relações culturais. Sendo assim, podemos concluir que os retratos funerários ocuparam uma função específica nessa sociedade, que eternizou um modelo artístico que, ainda hoje, nos possibilita conhecermos cada vez mais elementos que fizeram parte da vida dos antigos habitantes da terra das pirâmides.

Referências

Documentação textual

- EZQUERRA DEL BAYO, J. *Exposición de la miniatura-retrato en España*. Catálogo general ilustrado. Madrid: Sociedad Española de Amigos del Arte, 2016.
- AUBERT, M. F.; CORTOPASI, R. *Portraits funéraires de l'Égypte romaine*. Catalogue Musée du Louvre. Paris: Réunion de Musées Nationaux. 1998.

Obras de apoio

- CARAVACA GUERRERO, C. I. Problemática de estudio en el caso de los retratos de El-Fayum. *Antigüedad y cristianismo, Revista de estudios sobre Antigüedad Tardía*, n. 38, p. 17-32, 2021.
- EGGERS, N. de A. Descobrimdo o Egito antigo na modernidade: a contribuição do antiquarista Giovanni Belzoni (1816-1819). *Revista Heródoto*, v. 1, n. 1, p. 113-132, 2016.
- FUNARI, R. S. *Imagens do Egito antigo*. São Paulo: Annablume, 2006.
- GRALHA, J. C. A cultura material do cotidiano: espaço urbano e moradias no Egito faraônico. In: FUNARI, P. P. A.; FOGOLARI, E. P. (ed.) *Estudos de Arqueologia Histórica*. Erichin: Habitus, 2005, p. 115-132.
- MENESES, U. T. B. de. História e imagem: iconografia/iconologia e além. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (ed.). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 243-262.
- MOELLER, N. *The Archaeology of urbanism in Ancient Egypt: from the Predynastic Period to the end of the Middle Kingdom*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- OLIVEIRA, B. As apropriações culturais da rainha Cleópatra VII na contemporaneidade: um estudo a partir do filme *Cleópatra*, de 1963. *Cadernos de Clio*, n. 5, p. 113-132, 2014.
- REIS, P. H. P. dos. *Alcançando a imortalidade: representações da apoteose de Hércules na cerâmica grega dos séculos VI e IV a.C.* Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Arqueologia) – Programa de Pós Graduação em Arqueologia, História e Sociedade, Universidade Santo Amaro, São Paulo, 2019.
- SALES, J. C. *Poder e iconografia no antigo Egito*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.
- SILIOTTI, A. *Viajantes e exploradores: a descoberta do Antigo Egito*. Barcelona: Folio, 2007.
- SORIA-TRASTOY, M. T. Las estacas de madera de Haraga y la pesca en el-Fayum durante el Reino Médio. *Trabajos de Egiptología, Papers on Ancient Egypt*, n. 11, p. 331- 365, 2020.
- SOUZA NETO, J. M. G. de. *Deuses do Egito (2016): uma narrativa fílmica da civilização branca*. *Transversos: Revista de História*, n. 16, p. 20-32, 2019.
- SZYMANEK, M. Molluscs and ostracods of the Qarun Lake: preliminary report from FA-1 core in Faiyum Oasis, northern Egypt. *Studia Quaternaria*, v. 34, v. 1, p. 39-45, 2017.
- VASQUES, M. S. *Máscaras funerárias do Egito romano: crenças funerárias, etnicidade e identidade cultural*. Rio de Janeiro: PUBLIT, 2015.